



A força de uma obra

Escrever sobre Beatles é algo complicado. Embora se saiba centenas de histórias do quarteto, é quase impossível redigir algo inédito sobre os rapazes de Liverpool. A influência da banda de Lennon, McCartney, George e Ringo é tão grande que ainda hoje os Beatles são tema da pauta musical diária.

De algumas semanas para cá, venho acompanhando no noticiário internacional que o estúdio de Abbey Road, onde os discos dos Beatles foram gravados, poderia ser vendido. A alegação é que a gravadora EMI estaria passando por dificuldades financeiras e a saída seria vender o estúdio, localizado na parte norte de Londres. Até Paul McCartney se comoveu com o fato e manifestou o interesse de realizar uma campanha contra a venda de Abbey Road. Depois de tanta especulação, a EMI se manifestou, afirmando que o boato era falso. No comunicado a gravadora admitiu ter recusado uma proposta de 30 milhões de libras, cerca de 90 milhões de reais para a venda do prédio.

Como o local é um dos pontos turísticos mais visitados de Londres, o governo da Grã-Bretanha decidiu na última terça-feira que Abbey Road é patrimônio histórico do país, não podendo ser desmanchado ou descaracterizado. Um alívio para os fãs que, assim como eu, sonham em um dia poder atravessar a rua em frente ao estúdio, bem como os Beatles fizeram na capa do famoso disco Abbey Road, de 1969.

Já que estamos falando em rock britânico, essa semana um episódio chamou



a atenção do meio musical. Roger Daltrey, vocalista do The Who, revelou em entrevista à rádio BBC que gostaria de trabalhar com Jimmy Page, o eterno guitarrista do Led Zeppelin. Segundo Daltrey, Page precisa de um vocalista para guiá-lo. O The Who, por sua vez, está próximo de anunciar seu fim. O guitarrista Pete Townshend sofre de um sério problema de audição e, em março, vai testar um aparelho durante um show. Se não conseguir ouvir melhor, deve anunciar a extinção do grupo formado em meados dos anos 60.

Hoje foram citadas três das maiores bandas de todos os tempos, então aproveite o fim de semana e tente baixar a discografia das três: Beatles, Led Zeppelin e The Who. Você vai garantir décadas de grandes audições.

Até semana que vem.

Guilherme Zanini é jornalista, coordenador da Tropical FM e correspondente da revista Guitar Player

Rodízio da redação

Antipatizo porque quero, sim!

Lembro como se fosse hoje o dia em que fui entrevistado pelo gestor de Recursos Humanos da Rede Vale de Comunicação para a vaga de repórter da editoria de política. Era de noite, quando emendamos uma longa conversa sobre profissão, jornalismo e projetos pessoais para daqui há 10 ou 15 anos – por incrível que pareça, marcou-me o fato de que, na minha cabeça, a quase uma hora de conversa não rendeu nem uma xícara de chá ou café. De qualquer forma, me parecia estranho finalizar a entrevista sem antes responder aquelas duas perguntinhas que são de praxe de todo RH – longe de mim desmerecer a classe –, mas clichê é clichê. Pois bem, ouvidas as perguntas, eis que disparo a pérola: “simpatia e falta de tolerância a falhas tecnológicas”. Ou quase isso. Eu precisava citar uma qualidade e um defeito. Hoje, analisando com calma, penso ter dado uma resposta adequada à situação, mas pouco verdadeira. Afinal de contas, minha maior qualidade é o inverso a da simpatia. Isso mesmo! Antipatizar, meus caros, para quem não sabe ou ainda não experimentou, é um pequeno comprimido que vicia.

Experimente usá-lo com um vizinho tagarela, um colega de aula inconveniente ou aquele primo chato que te faz perguntas que nem o seu cardiologista faria. Além de ser extremamente prazeroso lançar aquele olhar de indiferença e superioridade, com toda certeza, nenhuma destas personagens voltará a atazanar a sua vida. Antipatizar no trabalho, na academia, na praça de alimentação... São tantos os lugares para se treinar esta arte milenar, que não há porque perder tempo ou ficar de fora dessa onda de “boas vibrações”. Afinal, quem não se sente bem antipatizando? No lugar em que malho, por exemplo, sou mestre em entortar o olhar. Antipatizo com quase a totalidade dos alunos que frequentam a academia. Gosto dos meus instrutores, dos poucos colegas de faculdade que encontro e da meia dúzia de velhinhas que dedicam a manhã a suas litros em cima de uma esteira. Com o restante, sem dó ou piedade, eu antipatizo, sim. E faço isso porque quero. Porque não acho que academia seja lugar de se fazer amigos ou trocar confidências.

Por experiência própria, posso dizer que é dura a vida de quem precisa antipatizar para sobreviver a esta selva de pedras em que vivemos. Nem mesmo na faculdade, em meio ao que deveria ser “um seleto grupo de pessoas”, posso deixar o meu “eu antipatizante” de lado. Volta e meia, sou obrigado a fazer cara feia e cochichar no ouvido mais próximo. Tudo isso porque algumas pessoas insistem em serem inconvenientes, sabichonas ou o raio que o parta. Definitivamente, pessoal, ignorância é uma coisa que mata! E digo com prazer que um dos meus hobbies favoritos é antipatizar e rir da cara de gente ignorante. Ao contrário do que você possa estar pensando, isso não é prepotência ou auto-suficiência. Talvez um mecanismo de defesa ou um elixir para longevidade. Portanto, caro leitor, a palavra de ordem é antipatizar....



Carlos Vogt | carlos.jornal@joinet.com.br

Cursos reconhecidos CEED/RS e MEC

Cursos Técnicos Ensino

Matriculas Última Semana

TÉCNICO EM

- ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS**
Carga Horária: 1080 horas
- INFORMÁTICA**
Carga Horária: 1980 horas
- CONTABILIDADE**
Carga Horária: 1560 horas
- RECURSOS HUMANOS**
Carga Horária: 1200 horas
- COMÉRCIO**
Carga Horária: 840 horas

ligue agora 3748-2200 Lajeado
Benjamin Constant, 538

80%
dos alunos colocados no mercado de trabalho

disciplinas a partir de **R\$ 63,00** p/mês

ENSINO
ESCOLA PROFISSIONAL
www.ensino-rs.com.br